

**TRAJETÓRIAS DE TRABALHO, EDUCAÇÃO E INSERÇÃO SOCIAL DE
DEPENDENTES QUÍMICOS USUÁRIOS DO CAPS AD III: PRIMEIRAS
IMPRESSÕES SOBRE A COLETA DE DADOS**

Daniel Barcelos Petry - Mestrando PPGEduc
Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC
Prof. Dr. Moacir Fernando Viegas - orientador
Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC/PPGEduc
Eixo Temático 3: Educação, Trabalho e Emancipação

RESUMO: Este trabalho compartilha as primeiras impressões observadas durante a coleta de dados do projeto de pesquisa intitulado “Trajetórias de Trabalho, Educação e Inserção Social de Dependentes Químicos Usuários do CAPS AD III” do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEduc, da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Os sujeitos de pesquisa são usuários do serviço ofertado pelo Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas - CAPS AD III, de uma cidade do Vale do Rio Pardo. Essa pesquisa se propõe a analisar as trajetórias de vida referentes a trabalho, educação e inserção social e como esses elementos se apresentam hoje para esses sujeitos. As entrevistas foram gravadas nos meses de março e abril de 2019 e posteriormente transcritas. Nos relatos destacam-se falas referentes ao desejo desses sujeitos em retornar aos estudos, o que aprenderam com a dependência química, em ser alguém na vida e ter um mínimo de conforto. O arrependimento por ter desperdiçado boa parte das suas vidas pela dependência química também é outro ponto de destaque nos discursos.

Palavras-chave: trabalho; educação; dependência química.

A ideia inicial desse projeto de pesquisa nasceu no dia a dia da prática profissional no Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS AD III), ao observar as dificuldades enfrentadas pelos pacientes quando estes (re)iniciam seu tratamento e desintoxicação no serviço. Paralelo a isso esses sujeitos buscam um novo (re)começo, tanto no que se refere ao reestabelecimento dos vínculos familiares, geralmente fragilizados ou inexistentes, bem como meios de garantir sua autonomia e subsistência. Essas observações serviram de base e foram o motivador principal para investigar as suas trajetórias de vida relacionadas a trabalho, educação e inserção social, buscando compreender de que forma esses processos podem ter influenciado no contexto atual de suas vidas.

A partir disso, propomos o seguinte problema de pesquisa: como se caracterizam as trajetórias de trabalho e educação de dependentes químicos e qual seu significado no processo de inserção social segundo suas representações? Objetiva-se através dessa pesquisa melhorar a oferta dos cuidados oferecidos a esse público bem como oportunizar um espaço de reflexão sobre suas histórias de vida. Para Cunha (1997), quando uma pessoa relata os fatos vividos percebe-se que ela reconstrói a trajetória percorrida, dando-lhe novos significados. Assim, o que importa não é a verdade literal dos fatos, mas antes a representação que deles faz o sujeito. A partir disso o método de coleta de dados escolhido foi a entrevista semiestruturada gravada, as quais, posteriormente, foram transcritas para a interpretação e análise das informações.

Até o momento foram realizadas quatro entrevistas (uma mulher e três homens). Dentre os sujeitos entrevistados um possui duas graduações (Ed. Física e Direito); outro ensino superior incompleto e os demais ensino fundamental incompleto (4º e 5º ano). Um deles encontra-se em abstinência há mais de cinco anos e os demais em tratamento. São, ou foram, usuários de múltiplas drogas (álcool, maconha, cocaína e crack). Relembra a época da escola com carinho e em geral gostavam de ir nas aulas e encontrar os amigos. Os dois sujeitos que não concluíram o ensino fundamental relatam que seu desinteresse pela escola ocorreu entre o 4º e 5º ano e dentre os motivos justificados estão o uso precoce de alguma substância psicoativa (maconha), e também por terem repetido de ano diversas vezes, o que lhes causava desconforto entre os colegas menores. Todos relatam que tiveram uma infância boa e tranquila, que não lhes faltava nada. Destacam a separação dos pais como o evento mais marcante durante a infância, sendo que um deles justifica esse evento como o motivo para início do uso de drogas.

Os dois sujeitos que possuem respectivamente o ensino superior completo e incompleto identificam a escolaridade como fator determinante para a obtenção de emprego e inserção no mercado de trabalho. Em contrapartida, os que não concluíram o ensino fundamental relatam que a principal justificativa para não conseguirem ingressar no mercado de trabalho não é a baixa escolaridade, mas sim seus antecedentes criminais e o estigma que carregam em função disso. Goffman (1988) destaca que, geralmente, o próprio indivíduo estigmatizado acaba acreditando não ser merecedor de certas garantias ou de que sua exclusão de determinado ambiente social encontra justificativas pela sua condição estigmatizante, o que vem ao encontro das falas dos sujeitos. Destacam os grupos terapêuticos como um ambiente de muito aprendizado, onde a partir da fala dos outros usuários criam estratégias de enfrentamento e foco para o sucesso do seu tratamento, adquirindo aspectos de uma educação informal. Para Gohn (2006), a educação informal não é organizada, os conhecimentos não são

sistematizados e são repassados a partir de práticas e experiências anteriores, usualmente é o passado orientando o presente.

É frequente a fala de que desejam reestabelecer os vínculos familiares com seus pais e filhos, vínculos estes fragilizados em razão dos anos de constantes recaídas; bem como “ser alguém na vida”, tendo como metas um bom emprego, casa própria, carro e família. Reconhecem o sofrimento que causaram aos seus familiares e, com frequência, emocionaram-se diversas vezes quando falaram sobre isso. Dos quatro entrevistados três destacam a igreja como a instituição que mais os auxilia nesse momento recuperação.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista Faculdade Educação**, v.23, n.1/2, p.185-195, jan./dez. 1997.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação de identidade deteriorada. Tradução de Maria Bandeira de Mello Leite Nunes. 4ª ed. LTC-Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. Rio de Janeiro, 1988.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.